



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

MARIANA RITA CORDEIRO

**ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19:
análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE**

Caruaru
2024

MARIANA RITA CORDEIRO

**ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19:
análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Administração da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Área de concentração: Organizações

Orientador (a): Prof. Dr.^a Myrna Suely Silva Lorêto

Coorientador (a): Prof.^a Dr.^a Ana Márcia Batista Almeida Pereira

Caruaru

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Cordeiro , Mariana Rita .

ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19: análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE / Mariana Rita Cordeiro . - Caruaru, 2024.
53, tab.

Orientador(a): Myrna Suely Silva Lorêto

Coorientador(a): Ana Márcia Batista Almeida Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Professores. 2. Tecnologias. 3. Pós-pandemia. 4. Virtual. 5. Controle de trabalho . I. Lorêto, Myrna Suely Silva . (Orientação). II. Almeida Pereira, Ana Márcia Batista . (Coorientação). IV. Título.

060 CDD (22.ed.)

MARIANA RITA CORDEIRO

ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19:

análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em: 24/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Myrna Suely Silva Lorêto (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Prof^ª. Dr.^a Prof. Silvana Medeiros Maia (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Prof^ª. Dr.^a Elisabeth Cavalcante dos Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao bom Deus, que de forma misericordiosa me concedeu saúde, força e coragem, além de ter me segurado nos dias que não tinham força e paciência. Graças te dou, meu Senhor, por toda sabedoria. Graças te dou, meu Senhor, que nunca me desamparou. Graças te dou, meu Senhor, por me proteger e livrar de todo perigo nesses longos anos indo e vindo de Jupi a Caruaru diariamente. Graças te dou, meu Senhor, pois a tua graça me alcançou e através do seu sangue hoje tenho salvação.

Agradeço a minha orientadora, Professora Myrna que me incentivou e teve paciência em me ajudar e me orientar semanalmente, gratidão pelo seu apoio e todo incentivo. Agradeço também a professora Ana Márcia que me orientou no caminhar inicial do projeto, gratidão pela sua paciência e incentivo.

Agradeço a minha Família, a minha mãe, amiga e companheira de todas as horas Maria Rita, ao meu pai, Marcos Cordeiro, que sempre está me apoiando. Agradeço ao meu irmão Antonio Marcos, meu apoio e meu técnico, a pessoa que pode resolver qualquer problema tecnológico. Agradeço as minhas tias e tios que tenho orgulho e admiração. Amo vocês!

Agradeço as minhas amigas de graduação, as “POderosas” que estiveram comigo ao longo desses anos, como foi importante ter vocês ao meu lado, quantos momentos bons, divertido e de estresse passamos juntas, toda essa trajetória foi essencial para o nosso amadurecimento profissional, vou torcer sempre pelo sucesso de vocês.

Agradeço aos meus amigos e amigas, que a Deus me deu a oportunidade de conhecer, que me acompanharam na trajetória do projeto me incentivando e me apoiando.

Agradeço aos meus irmãos da Congregação Bíblica Presbiteriana Filadelfia que oraram por mim durante o projeto, Deus abençoe a todos.

Agradeço a cada professor e professora que conversou comigo; foi um prazer ouvir sobre os desafios que rodeiam essa profissão e ver o quanto vocês se empenham e se dedicam a ela.

A UFPE CAA, meu obrigada, esses anos de graduação, além de me apresentar profissionais incríveis e dedicados, me fez conhecer amigos e colegas que vou levar sempre comigo.

“Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará.” (Salmos 37:5)

RESUMO

Essa pesquisa visa analisar como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19. Os objetivos específicos do estudo são: descrever como os professores interagiram com ambientes tecnológicos, durante e após a pandemia de Covid-19; compreender se há um controle de trabalho que atinge os professores através do uso de tecnologias; analisar se a rotina de trabalho interfere na saúde dos professores, e por fim, identificar se essa adaptação trouxe impactos para os professores. Tendo como justificativa as mudanças que ocorreram na forma de trabalho dos professores de ensino fundamental no pós-pandemia de Covid-19 e os aparatos tecnológicos que passaram a ser ferramentas indispensáveis para os profissionais do município de Jupi-PE, a forma que essas mudanças interferiram para os professores e para a gestão escolar. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória, sendo realizada a coleta de dados através de entrevista semiestruturada com 10 professores de uma escola municipal. Através das respostas foi possível fazer a devida análise dos dados, seguindo a técnica de Bardin. Observou-se com os resultados que as adaptações resultantes do ensino virtual melhoraram a rotina dos professores, otimizando o tempo e a praticidade das atividades através do aplicativo Vida Escolar, diferente do que ocorreu durante a pandemia que a falta de treinamento foi desafiadora e exaustiva para os professores ministrarem aulas.

Palavras-chave: Professores; tecnologias; Pós-pandemia; Virtual; Controle de trabalho

ABSTRACT

This research aims to analyze how teachers at a municipal school in Jupi-PE adapted to virtual teaching after the Covid-19 pandemic. The specific objectives of the study are: to describe how teachers interacted with technological environments during and after the Covid-19 pandemic; to understand whether there is work control affecting teachers through the use of technologies; to analyze if the work routine interferes with teachers' health; and, finally, to identify whether this adaptation has had impacts on the teachers. The justification lies in the changes that occurred in the work practices of elementary school teachers in the post-pandemic period and the technological tools that became essential for professionals in the municipality of Jupi-PE, as well as how these changes impacted both the teachers and school management. The research is characterized as qualitative and exploratory, with data collected through semi-structured interviews with 10 teachers from a municipal school. The responses allowed for a thorough data analysis using Bardin's technique. The results indicated that adaptations resulting from virtual teaching improved teachers' routines, optimizing time and facilitating tasks through the Vida Escolar app, unlike the pandemic period, when the lack of training was challenging and exhausting for teachers conducting classes.

Keywords: Teachers; Technologies; Post-pandemic; Virtual and Work control

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Técnicas de coleta de dados.....	27
Quadro 2 –	Codificação dos entrevistados.....	27
Quadro 3 –	Perfil dos entrevistados.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNS	Conselho Nacional de Saúde
G1-PE	Portal de Notícias do Grupo Globo em Pernambuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
SARS-COV-2	Coronavírus
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAPE	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
UPE	Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVOS.....	15
1.1.1	Objetivo geral.....	15
1.1.2	Objetivos específicos.....	15
1.2	JUSTIFICATIVA.....	15
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2	REFERENCIAL TEORICO.....	18
2.1	INTENSIFICAÇÃO E CONTROLE DE TRABALHO NO CAPITALISMO DIGITAL.....	18
2.2	TRABALHO DO PROFESSOR.....	20
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO.....	25
3.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	25
3.2	SUJEITO DA PESQUISA.....	25
3.3	TÉCNICA DE COLETAS DE DADOS.....	26
3.4	TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	28
3.5	LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	29
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	30
4.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	30
4.2	INTERAÇÃO DOS PROFESSORES COM AMBIENTES VIRTUAL DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID- 19.....	31
4.3	CONTROLE DO TRABALHO DOS PROFESSORES PELO USO DE TECNOLOGIAS.....	36
4.4	INTERFERÊNCIA NA ROTINA DE TRABALHO E A SAÚDE DOS PROFESSORES	37
4.5	O IMPACTO DAS ADAPTAÇÕES TECNOLÓGICAS PARA OS PROFESSORES	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE.....	49

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	51
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

Em meados de 2020, mais especificamente no dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia mundial provocado pela Covid-19, doença causada pelo coronavírus (SARS-Cov-2) (UNASUS, 2020). A sociedade contemporânea que conhecemos sofreu o impacto de uma grande transformação mundial, trazido por um vírus desconhecido com alta capacidade de transmissão. Com a propagação do vírus, pouco conhecimento e sem vacina eficiente, até então não desenvolvida, o distanciamento social restritivo (*lockdown*) foi o método mais eficaz para evitar o crescimento da doença, recomendado pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) (2020).

Durante o distanciamento social, o acúmulo de pessoas em quaisquer tipos de ambientes se tornou aglomerações perigosas para a saúde pública. O que gerou um impacto tanto para o comércio, como escolas e universidades. De acordo com Silva *et al.* (2020), as recomendações da OMS de distanciamento social se tornaram uma medida de saúde pública, muitos foram os países que interromperam as atividades escolares e do comércio, a exceção, de algumas que foram classificadas como essenciais.

Com todas as regras de isolamento e distanciamento, ambientes de sala de aula com alunos e professores se tornaram um cenário distante daquela realidade. Sendo assim, o ensino remoto passou a ser implementado mundialmente. Alguns países logo se adaptaram, porém, países em desenvolvimento, como o Brasil, sofreram consequências danosas para um sistema de ensino sem preparo e adequação para a modalidade, como foi defendido por Silva *et al.* (2020).

Cordeiro (2020) destaca que ferramentas digitais pouco usadas passaram a ser essenciais e o único meio de interação entre alunos e professores. Em pouco tempo, todos que tinham acesso tiveram que se adaptar a um aparato digital. Professores, gestores e coordenação pedagógica aderiram a uma realidade de planejamento e execução das aulas, onde as suas metodologias conhecidas e que tinham domínio foram desconsideradas na ocasião.

Uma pesquisa realizada com professores de todo Brasil no ano de 2021, pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG), mostra que durante a pandemia e o início das aulas remotas, 53,6% dos professores afirmaram não ter recebido nenhum treinamento nem preparo para o uso de tecnologia em sala de aula (Gestrado, 2020).

Como se percebe, a rotina dos professores passou por transformações rápidas, uma demanda de atividades que já era alta, passou a ser mais cansativa e desafiadora, pois de acordo com Paludo (2020), os professores passaram a ter as redes sociais e ferramentas de comunicação (WhatsApp e Instagram) como meios de trabalho. O uso dessas redes que era de interação e lazer passou a ser também laboral, acabando com os limites e definição de horário de trabalho.

Oliveira e Costa (2017) ao abordarem o tema da inclusão digital, relatam que, na atualidade, não é apenas necessário que os professores tenham acesso a redes sociais como recursos de comunicação e socialização, visto que ela torna insubstituível o avanço no uso funcional desses recursos e de outras ferramentas digitais em ambiente virtual que contribuam com a função do professor (Oliveira e Costa, 2017, p.121).

Dal Rosso (2006) afirma que a intensificação do trabalho e alongamento da jornada são condições que podem conviver até o momento que esse laço não venha colocar a vida do trabalhador em risco, causando uma demasia de envolvimento com o trabalho. Assunção e Oliveira (2009) reforçam que o professor quando esgotado no processo de intensificação do trabalho passa a ter a saúde fragilizada e com isso se torna suscetível ao adoecimento. Também há suposição que a hiper solicitação em momento de urgência, leva o professor a negligenciar seus próprios limites e ao ultrapassá-los, o deixando suscetível ao adoecimento.

Estas mudanças além de serem sentidas pelos professores também exigem adaptações nas práticas de gestão na formação de administradores escolares. Desta forma, Julião *et. al* (2020) informam que torna indispensável que os gestores ou diretores aprofundem-se em novos conceitos para exercer com competência suas funções a fim de gerar benefícios mútuos voltados para a prática de gestão escolar, aperfeiçoando o processo de ensino e aprendizagem. E em um contexto tecnológico, é crucial que os gestores educacionais compreendam não apenas a implementação de tecnologias, mas também como elas se configuram como estratégias de gestão.

Lück (2008) relata que o trabalho do gestor escolar é voltado para liderança e a capacidade de influenciar o comportamento de professores, pais e alunos para que os objetivos educacionais delimitados pela escola venham a ser atingidos. Compreender as aflições que podem atingir os professores decorrentes do trabalho e técnicas em gestão são os caminhos para mapear problemas e os resolver.

Quando a pandemia começou não se tinha ideia de quanto tempo as medidas de distanciamento social seriam necessárias, mas a insegurança maior se deu quando o poder público decidiu reabrir as escolas ainda durante a pandemia e sem parte expressiva da população ter, ao menos, recebido uma dose da vacina. De acordo com G1-PE, portal de notícias do grupo

Globo, em Pernambuco, na capital do estado, as aulas tiveram início entre os dias 22 e 27 de junho de 2023, com a modalidade de ensino híbrido (Malacarne, 2021). Posteriormente, as aulas foram iniciadas no interior pernambucano, onde se encontra Jupi.

Localizada a cerca de 210km da capital Recife-PE e 80km de Caruaru-PE, Jupi é pertencente ao agreste de Pernambuco, mais especificamente, ao agreste meridional. Ela tem como cidades circunvizinhas Garanhuns, Lajedo, Calçado, Jucati e São Bento do Una. Por sua boa localização, o município é capaz de oferecer uma boa logística a, aproximadamente, 15.000 habitantes. A agricultura familiar é fonte de renda de muitas famílias através do cultivo de feijão e mandioca. No que tange a educação, o município conta com 9 escolas, 8 de ensino fundamental e 1 de ensino médio, nas quais somam um total de 127 docentes do ensino fundamental, segundo o IBGE (2022).

Muitos dos jovens de Jupi que concluem o ensino médio se dedicam para entrar na universidade em um curso de graduação, visando seguir a carreira de professor. Eles buscam na licenciatura essa porta, pela proximidade geográfica com Garanhuns e pela disponibilidade de cursos de licenciatura que esta cidade oferece por sediar duas universidades públicas. Na Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Garanhuns, dos 10 cursos ofertados, 7 são de licenciatura e; na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) dos 7 cursos que compõem a sua grade, 4 são de licenciatura. Esses cursos são os mais concorridos por pré-universitários. Através dessa oferta, Jupi, assim como as cidades próximas, tem uma grande quantidade de professores licenciados.

De acordo com a Secretaria de Educação de Jupi (2024), há um total de 206 professores, dos quais 120 atuam no perímetro urbano e 86 na área rural do município, surgindo assim o questionamento de como foi a interação dos professores com ferramentas tecnológicas introduzidas durante o período de pandemia de Covid-19, sem ter treinamentos necessário e técnicas eficazes de introdução, além de terem que demandar um meio de ensino para os alunos que não tinham acesso à internet, notebook, smartphones e, com essas barreiras, ainda fossem apresentados resultados de aprendizagem satisfatórios para os critérios de avaliação determinados.

No cenário educacional contemporâneo, a integração de ferramentas tecnológicas tornou-se indispensável para professores no município de Jupi-PE. Até o ano de 2019 os professores deste local tinham como controle de aula e chamada de alunos um método tradicional de escrita nas cadernetas e diário de aula, mas em 2020, o “Vida Escolar” (Diário-Vida Escolar, 2022) foi introduzido para os professores durante a pandemia, um sistema responsável por substituir as cadernetas de chamada e o registro de aulas. Os pais passaram a

ter acesso a rotina escolar dos filhos. Da mesma forma, a direção escolar passou a ter acesso momentâneo aos movimentos dos professores no sistema, isso inclui notificações de acesso, tempo de uso e quais informações foram adicionadas. Com isso, essa ferramenta passou a ser indispensável para os professores e as escolas tiveram que se adaptar. Deste modo, foi escolhida uma escola jupiense para compreender melhor essas adaptações realizadas.

Perante o exposto, faz-se o seguinte questionamento de pesquisa: Como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19.

1.1.2 Objetivos específicos

Seguindo o que é proposto no objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos:

- Descrever como os professores interagiram com o ambiente virtual, durante e após a pandemia de Covid-19.
- Compreender se há um controle de trabalho que atinge os professores através do uso de tecnologias.
- Analisar se a rotina de trabalho interfere na saúde dos professores.
- Identificar se essa adaptação trouxe impactos para os professores.

1.2 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa torna-se necessária por abordar as mudanças que ocorreram na forma de trabalho dos professores de ensino fundamental no pós-pandemia de Covid-19 e os aparatos tecnológicos que passaram a ser ferramentas indispensáveis para os profissionais do município de Jupi-PE, sendo aqui estudado o caso de uma de suas escolas.

De acordo com Gaulejac (2007), ao fazer uma ilustração afirmando que transportar o escritório de trabalho, dá margem a uma liberdade para trabalhar “24 horas por 24 horas”, como uma crítica a esses instrumentos tecnológicos, atualmente presentes nos celulares e tablets. Em

2007 quando o texto foi escrito, já era tida como uma preocupação essa forma de controle de trabalho. No atual momento, 17 (dezesete) anos depois, com o avanço tecnológico, que é impossível de acompanhar, esse é um tema que passa a ter uma relevância imensurável.

Previtali e Fagiani (2014) relatam que no capitalismo se tem como principal objetivo o aumento da produção de mais-valia, independente que para atingir esse propósito tenha que suceder o prolongamento da jornada de trabalho. E isso é visto ao longo da história. Guimarães (2006) afirma que Frederick Taylor implantou modelos de controle que foram logo adotados por indústrias de todo mundo, através dos estudos dos tempos e movimentos. Faz-se necessário para os gestores educacionais entenderem como essas estratégias de gestão acontecem e se tornam um meio de controle. Dessa forma, essa pesquisa se torna relevante para os gestores de escolas, no sentido de analisar que ao redor estão acontecendo mudanças que impactam toda uma classe e maneiras de adaptação devem ser estudadas.

Quando se procura por artigos e pesquisas com as palavras “pós-pandemia”, “docência” e “professores”, poucos são os resultados encontrados que descrevem como esses profissionais estão lidando com ferramentas tecnológicas e comportamentos que passaram a ter vivência com o pós-Covid-19. Até então, muitas pesquisas pretendiam estudar o momento na pandemia e não posteriormente a ela, com ênfase na saúde de professores e no aprendizado dos discentes, como, por exemplo: um estudo que analisa as estratégias didáticas e desafios enfrentados pelos professores de Matemática ao final do ensino fundamental ao longo da pandemia, em determinadas escolas no município de Panelas-PE (Silva, 2022), e à docência da Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante a pandemia de covid-19 (Chagas, 2022). Por esses exemplos, pode-se perceber por que esta pesquisa é necessária para a área de Ciências Sociais Aplicadas, a Administração.

A Administração tem desempenhado um papel crítico na sociedade, influenciando diretamente o funcionamento das organizações e instituições que moldam o ambiente. Como afirmado por Drucker (2001), é dever da Administração capacitar a empresa e os seus componentes para crescerem e se desenvolverem, conforme mudem as suas necessidades e oportunidades. Sendo assim, toda empresa é uma base institucional para aprendizagem. Neste contexto, a administração na educação é de uma importância singular, visto que a qualidade da educação impacta profundamente o progresso social e individual. Contudo, o controle de trabalho excessivo, a burocracia e as regulamentações podem impor desafios significativos para os professores. Este estudo propõe colaborar com um olhar para a classe dos professores e os desafios enfrentados por ela, devido ao controle de trabalho, contribuindo, assim, para

aprimorar a eficácia dos gestores escolares na busca de um ambiente educacional mais produtivo e saudável.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos. O capítulo 1, a Introdução como já vista, delineando os objetivos e fornecendo justificativas que a fundamentam. Em seguida, o capítulo 2 apresenta o Referencial Teórico, dividido em duas seções: Intensificação e controle de trabalho no capitalismo digital e, o trabalho do professor. Posteriormente, o capítulo 3 descreve os caminhos metodológicos percorridos. Já o capítulo 4 é dedicado à análise dos resultados desta pesquisa. Por fim, o capítulo 5 com as considerações finais deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O propósito deste capítulo é fornecer uma compreensão da base teórica subjacente à pesquisa, delineando-a em duas seções distintas. A primeira aborda a intensificação e o controle do trabalho no contexto do capitalismo digital, explorando como as tecnologias modernas têm influenciado as práticas laborais e as relações de trabalho. A segunda parte concentra-se especificamente no trabalho dos professores, examinando os desafios, as demandas e as transformações enfrentadas por esses profissionais dentro do cenário educacional contemporâneo.

2.1 INTENSIFICAÇÃO E CONTROLE DO TRABALHO NO CAPITALISMO DIGITAL

O sistema capitalista teve como berço da sua ascensão o continente europeu. Quando a Inglaterra rompe com o sistema feudal surgem novas medidas, entre elas a transformação da estrutura agrária, os novos modelos de relação trabalhistas no campo e melhorias em técnicas de produção. Constitui-se um acordo político-econômico entre a burguesia das cidades e a nobreza rural. Essa aliança hegemônica promoveu o desenvolvimento inglês, o país então se torna uma grande potência comercial dominante, surgindo a base para o desenvolvimento do capitalismo industrial (Silva *et al.*, 2015).

Nos séculos XVII e XIX, período que aconteceram a primeira e segunda revolução industrial, a substituição de força humana e animal pela força do maquinário industrial, com foco na eficiência com a troca de capacidade humana por um aparato mecânico, resultou em descobertas e melhorias em meios de obter e elaborar matéria-prima (Dathein, 2003, p.1).

Seguindo os passos do capitalismo, é em 1920 que Henri Ford segue o sistema idealizado por Taylor, dando início ao novo processo produtivo, o Fordismo. Este sistema de produção em massa, fundamentado na diminuição do tempo gasto pelos operários e foco no aumento da produtividade, com um menor deslocamento dos trabalhadores em busca de peças e ferramentas, permite uma maior velocidade da produção. É neste contexto que surgem as “esteiras de produção”. Nas décadas de 1950 e 1970, o Fordismo atinge o seu ápice e em 1970 ele passa a dar sinais de declínio (Silva *et al.*, 2015).

Com a decadência do modelo Fordista, o novo e melhorado Toyotismo passa a atuar. O sistema Toyota de produção, ou Produção Flexível, conta com mudanças na linha de produção, um conjunto de inovação técnicas, gerando uma drástica redução no tempo necessário para modificação de equipamento de moldagem. Assim, variações nas características dos produtos se tornaram mais rápidas e simples (Wood Jr, 1992).

A partir de 1990, as políticas neoliberais defendiam a ideia de uma política de menor intervenção estatal, o que se configura em um processo de precarização que afeta setores como educação e saúde (Campos; Viana; Soares, 2015). De acordo com Zanon (2020) é ainda na década de 1990 que surgem movimentos que tinham como objetivo reorganizar o perfil do trabalhador dentro da escala produtiva, sabendo que esse se torna um período histórico, pois a internet torna-se a “estrela” mercantis da época. Em uma sociedade que o capitalismo é dominante, a tecnologia se torna uma grande aliada, uma vez que a tecnologia da informação (TI) exige mais do ser humano em especialização e preparo para que esse se mantenha vivo na competição existente no mercado do trabalho (Costa, 1995).

Nesses meios de capitalismo, a precarização do trabalho é algo sistemático que pode alterar a vida de um indivíduo, dentro e fora do trabalho. Na empresa existem meios de controle e processo de comunicação: Just in time, práticas de participação forçada, multifuncionalidade, entre outros, que geram insegurança, incerteza e sujeição, afetando também a vida social (Franco *et al.*, 2010, p.231).

A transição do capitalismo industrial para o capitalismo tecnológico não ocorreu em um lapso de tempo, a distinção entre eles é que no capitalismo industrial o ser humano tinha certo reconhecimento a até garantias trabalhistas e sociais como o contrato de trabalho. Diferente disso acontece no capitalismo tecnológico, esses poucos direitos e reconhecimentos são minados do trabalhador humano, acabando com garantias reais (Pochmann, 2022).

Crary (2023) fala que “o capitalismo sempre significou a união de um sistema abstrato de valor com as externalizações física e humana a ele correspondentes, mas, com as redes digitais contemporâneas, há uma integração mais complexa dos dois”. Já González e Llano (2020) definem o capitalismo digital como um modelo de exploração que tem como base a economia digital, porém é tido como um movimento novo e que deve receber as atenções devidas.

“O capitalismo digital, entendido como um modelo de acumulação e exploração capitalista cuja base organizacional é a economia digital é um fenômeno recente que, no entanto, recebeu grande atenção tanto dos acadêmicos como do público em geral” (González; Llano, 2020, p.97).

A internet revolucionou o acesso à informação, encurtando distâncias e democratizando o conhecimento de uma forma que, antes, parecia impossível. Essa expansão tecnológica não apenas conectou o mundo, mas também criou um ambiente inundado de dados, refletindo a necessidade crescente do capitalismo digital de se manter informado e competitivo. Diante disso, há uma relação direta entre a expansão do acesso à internet e a lógica capitalista, onde a

informação se torna um ativo valioso. Isso se reflete claramente na inclusão digital de territórios remotos, antes marginalizados, que agora começam a se integrar à rede global graças às reivindicações de movimentos urbanos e sociais. Esses movimentos têm lutado para ampliar o acesso à internet como uma ferramenta fundamental para a educação, o trabalho e a cultura, destacando a importância de políticas públicas e investimentos governamentais que garantam o acesso universal à conectividade. Assim, a internet se consolida não apenas como um instrumento de comunicação, mas como um direito essencial que promove a inclusão social e o desenvolvimento econômico em diversas regiões (Moreno, 2020).

O propósito desta seção foi introduzir o conceito do capitalismo e suas várias facetas, destacando sua interação com o crescimento humano ao longo do tempo. Além disso, foi discutido o surgimento do capitalismo digital e sua influência na organização do trabalho contemporâneo, evidenciando como esses sistemas exercem controle sobre as dinâmicas laborais. No próximo tópico será explorada a rotina específica dos professores, oferecendo uma análise do ambiente educacional dentro desse contexto socioeconômico.

2.2 TRABALHO DO PROFESSOR

Albornoz (2017) fala que o trabalho é algo comum na vida do ser humano, é uma expressão usada no contexto de esforço para um fim, sendo esse esforço físico ou intelectual. Conforme a ideia de Morin (2001), o trabalho é capaz de influenciar a vida do ser humano, no aspecto da liberdade e independência. “A maneira como os indivíduos trabalham e o que eles produzem têm um impacto sobre o que pensam e na maneira como percebem sua liberdade e sua independência” (Morin, 2001, p.16).

O trabalho possui multiplicidade e paralelo a ele está a profissão do professor. Com uma vasta amplitude que vai além da sala de aula, são contribuições para a escola, o sistema educacional, a comunidade, alunos e, acima de tudo, uma responsabilidade por ser a profissão base para o desenvolvimento de uma sociedade coletiva, justa e democrática (Flores, 2011).

A indagação sobre o papel social subjacente à atividade educacional ecoa ao longo dos tempos em inúmeras salas de aula por muitos professores, refletindo a realidade dos que abraçam uma nobre responsabilidade: transmitir conhecimento. Como destacado por Sousa (2005), essa missão envolve ensinar o desconhecido, o subconsciente, e até mesmo aprender com os próprios alunos. A responsabilidade inerente a esse desafio é a transformação de inúmeras vidas ao longo dos anos. No entanto, muitas vezes os profissionais se deparam com a falta de reconhecimento e valorização, tanto em termos emocionais quanto financeiros, necessários para manter a gratificação e a motivação na prática educativa.

A educação brasileira frequentemente é criticada por sua suposta deficiência e em muitas vezes essas críticas são repassadas diretamente ao professor. Gasparine *et al.* (2005) argumentam que o sistema educacional atribui ao professor a responsabilidade de resolver esse problema, muitas vezes impondo o uso excessivo e repetitivo de avaliações rigorosas. A valorização pública das funções e a importância do papel do professor nem sempre correspondem à sua verdadeira relevância e impacto. No entanto, é crucial destacar que a valorização adequada e a melhoria das condições de trabalho dos professores podem ter um impacto profundamente positivo nas aspirações de renovação das novas gerações dentro do sistema educacional. Este reconhecimento não apenas incentiva a excelência profissional, mas também promove um ambiente propício para o desenvolvimento educacional sustentável (Souza; Nakadaki, 2018, p.60).

É importante salientar que muitos professores se consideram desvalorizados socialmente, o que acaba por impactar na atuação deles, sendo os baixos salários causadores desse sentimento de desvalorização como expresso por Barbosa (2012).

O sentimento de esforço não reconhecido, ou seja, de desvalorização do trabalho, impacta negativamente a atuação do professor. Assim, os baixos salários também são apontados como um dos principais causadores da desvalorização social ou falta de prestígio associados à profissão docente (Barbosa, 2012, p.393)

Serafini (2024) ao estudar sobre as dificuldades enfrentadas por professores, aponta uma série de desafios que surgem no período de formação, como a desistência de 58% dos graduandos dos cursos de licenciatura, as más condições de trabalho, a instabilidade profissional e a falta de um plano de carreira que afeta diretamente a saúde mental do professor.

O estresse no ambiente de trabalho docente se torna cada vez mais comum, causado pelo conjunto de exigências atrelado ao ensino, demandando uma quantidade de saberes para o professor, sendo esses: lidar com alunos desrespeitosos, pais sem comprometimento, atrelado a condições precárias para exercer as funções, os salários inadequados entre outros (Souza *et al.*, 2016).

Fatores como estresse e falta de controle sobre a carga de trabalho podem contribuir para o mal-estar dos professores, um conceito utilizado na educação para descrever as reações que os educadores têm diante das pressões sociais. Este termo sugere que esses profissionais enfrentam dificuldades devido às mudanças sociais, as quais têm impactos constantes e negativos, afetando seus sentimentos e comportamentos (Esteve, 1987 *apud* Picado, 2009).

Ferreira e Paschoalino (2019) em buscas para explicações, relatam que o mal-estar pode estar ligado ao capitalismo contemporâneo que dá ênfase a bens e serviços, e transforma, consequentemente, a educação em um produto de troca que gera o aumento de carga e atividades dos professores, refletindo na produtividade e no corpo físico.

De acordo com Barbosa (2012), a rotina dos professores requer uma série de atividades fora de sala de aula que são classificadas como “atividade extraclasse”, como planejamento, preparo de aula, correção de provas e atividades, além de encontros pedagógicos com objetivo de aperfeiçoar as técnicas e práticas para melhor acompanhar alunos que apresentem dificuldades. Farias e Rachid (2015) apontam que os professores além de suas demandas em sala de aula, devem se dedicar a preparação das novas aulas, correções de provas, e em suas colocações, disponibilizar tempo para planejamento e troca de experiência com outros professores. Com isso, após serem introduzidas novas ferramentas tecnológicas houve a necessidade de, além do citado, os professores se readaptarem e se aperfeiçoarem.

Até março do ano de 2020, essa era a rotina do professor, composta por esses desafios que deveriam conciliar com a missão de compartilhar saberes. Com a pandemia de Covid-19, essa forma de ensino vem passando por mudanças. A introdução das ferramentas tecnológicas durante o isolamento social, que até então não eram usadas, passaram a ter um papel de destaque e se tornaram o único meio de interação nas escolas, o que resultou na adaptação de todo ambiente escolar, como afirmou Cordeiro (2020):

Vale ressaltar que nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira. Todas essas medidas realizadas têm o intuito de motivar alunos e professores a continuarem o processo educacional mesmo que a distância, mas com o objetivo de colaborar para que estes sujeitos se mantenham conectados e interajam entre si proporcionando a todos momentos salustares de convivência virtual, pois, além dos conteúdos, o diálogo, a interatividade e a criatividade são elementos que fazem a diferença neste patamar de incertezas e insegurança mundial (Cordeiro, 2020, p.10).

Como evidências da precarização do trabalho do professor estão o excesso de alunos em sala, aumentando a média de exploração desse profissional e, paralelo a isso, a intensificação do trabalho, uma vez que são mais atividades de trabalho a serem realizadas em um mesmo tempo (Kaemann; Lancman, 2013).

Pela abordagem de Viera (2019), as formas de controle de trabalho sempre estiveram presentes dentre os modelos capitalistas e ambientes de educação na contemporaneidade. Estes dispositivos de controle agem como formação de um sistema cultural e legítimo que impedem ao retardar diferentes práticas de formação educacional (Viera *et al*, 2009, p.232).

Eles são definidos como:

um controle burocrático (obediência às normas e regras); um controle cognitivo (expropriar o “saber fazer”); um controle intelectual (expropriar a capacidade criativa); um controle afetivo (para com a família da empresa); um controle emocional (“expropriar” as emoções em benefício da empresa); um controle do corpo (normatizar tempos e movimentos); um controle do narcisismo (estimular o “amor de si” para o individualismo e empreendedorismo) (Heloani, 2003 *apud* Viera, 2019, p.142).

Os diversos tipos de controle descritos por Heloani (2003, *apud* Viera, 2019, p. 142) – burocrático, cognitivo, intelectual, afetivo, emocional, corporal e do narcisismo – refletem uma lógica que vai além do ambiente empresarial, estendendo-se às esferas educacionais e sociais. No contexto educacional, especialmente em locais como Jupi, essas formas de controle podem ser observadas na forma como o sistema de ensino é estruturado, muitas vezes pautado em normas rígidas e na expropriação do pensamento crítico e criativo dos estudantes. O controle burocrático, por exemplo, manifesta-se nas exigências de obediência a regras, enquanto o controle cognitivo se expressa na padronização do ensino, que muitas vezes não valoriza o saber local e as vivências dos alunos.

Por trás de toda uma pressão excessiva na rotina dos professores, citada anteriormente, que é causadora de abandono da profissão, muitos são os professores que não permanecem na carreira. Esses profissionais deixam a sala de aula para ocupar funções no sistema de ensino, direção, supervisão e coordenação pedagógica, e há aqueles que optam por trocar de profissão buscando carreiras com melhor remuneração, reconhecimento financeiro e social (Souza; Leite, 2011).

Muitos trabalhadores docentes não permanecem na carreira, abandonando a profissão por outras carreiras em que sejam melhor remunerados e valorizados, ou ainda deixam a sala de aula para atuar em outros cargos do sistema de ensino, como a coordenação pedagógica, a direção e a supervisão escolar, também melhor remunerados que a docência e, normalmente, com maior reconhecimento e valorização social (Souza; Leite, 2011, p.1109).

Sabendo que foi por meio da pandemia que a tecnologia passou a ser uma ferramenta mais necessária na vida do professor e dos alunos, sendo um avanço da informatização. Freitas *et al.* (2020) destacam os benefícios que podem se ter através da tecnologia em sala de aula. Por um caminho metodológico, essa introdução pode ser uma janela para interação e aprendizagem para alunos, proporcionando descobrir um ambiente virtual através de orientação e tutoria dos professores. Sendo assim, deve se achar uma congruência para que a tecnologia dentro de sala de aula possa oferecer o melhor para alunos e professores.

Calle (2021) descreve que no ambiente de aprendizagem é impossível fragmentar a educação e tecnologia, ao contrário, elas devem andar juntas para fortalecer a qualificação do

processo formativo. O autor menciona que o perigo não são as novas tecnologias, mas a maneira que elas estão sendo colocadas em prática que podem causar a precarização do ensino. Reis, Silva e Silva (2020) apontam que um dos benefícios da tecnologia em sala é o empenho dos alunos durante as aulas, desencadeando a curiosidades deles.

O uso de tecnologias pode se tornar grande aliada de educação e desenvolvimento infantil. De acordo com Moura e De Moura (2024), as novas tecnologias abrem inúmeras maneiras de exposição e elucidação de aulas, dinâmicas atrativas, pois há uma vasta quantidade de equipamentos e matérias para que as aulas se tornem interativas, mas há uma quantidade de professores que está ficando para trás e não tem conhecimento de como utilizá-las.

Esses profissionais que ainda não se adaptaram a esses avanços tecnológicos, em certo momento possuíam total domínio. O estudo de Moreno (2020) aborda a relação das mulheres que estão prestes a se aposentar e a sua relação com a tecnologia. A autora relata que essas mulheres nem sempre contam com o apoio de outras pessoas e muito menos com algum tipo de suporte para desempenhar funções de trabalho, não só em ambiente com professores, mas em diversas áreas.

No que é mencionado no desenvolvimento de profissionais docentes e redes sociais, é visto que a forma de adquirir e aperfeiçoar conhecimento vem mudando entre os professores, sendo as redes sociais uma das responsáveis. Plataformas como Facebook, Instagram, Twitter e o novo Tik Tok abrem espaço para que os professores tenham liberdade de novos meios de aprendizagem e a quem confiar essa liberdade (Marcelo; Martínez, 2023).

Finalizada mais uma seção que teve como objetivo resgatar o que vem sendo pesquisado nos meios acadêmicos referente à profissão dos professores e quais as expectativas futuras de melhorias e avanços. Seguiremos para a parte metodológica do trabalho que mostrará quais os caminhos utilizados como base para construir e realizar esta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem o intuito de evidenciar o caminho metodológico utilizado para a construção dessa pesquisa. Gil (2002) define a pesquisa como método racional e sistemático, que é capaz de dar respostas a um problema que surge para que seja discutido formas de soluções, e para que isso aconteça são necessárias etapas, que vão desde a adequada formulação de problema até a apresentação de um resultado satisfatório.

Para se chegar a ponto satisfatório com a pesquisa, são usados métodos, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013), é um caminho percorrido através do conjunto de procedimentos que tem como destino a Ciência e a busca de conhecimento.

Esta investigação tem como objetivo principal analisar como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19.

A seguir será apresentado o caminho metodológico para alcançá-lo.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

No que tange à abordagem, a presente pesquisa classifica-se como qualitativa, por auxiliar na compreensão de como se deu a adaptação dos professores da escola jupiense com o uso das novas tecnologias após a pandemia. Stake (2011) define o método qualitativo como o saber com base na percepção e compreensão humanas. Silva e Menezes (2005) distinguem a abordagem quantitativa da qualitativa como uma forma minuciosa sobre a relação existente entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, de modo que ela é incapaz de ser mensurada através de números.

Quanto à natureza do trabalho, a pesquisa classifica-se como descritiva por descrever características de uma população ou determinado fenômeno, que pode constituir correlação entre variável e definir sua natureza, embora não seja comprometida a explicar fenômenos, porém, servindo como base para explicação (Vergara, 2003, p.47). Neste caso, será descrita a interação desses professores com o ambiente tecnológico, além de entender os impactos que podem ser gerados.

3.2 SUJEITO DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa serão as professoras e os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi, que lecionam no ensino fundamental I e II. Como parte do objetivo, é necessário que os professores entrevistados estivessem exercendo a profissão entre

os anos de 2019 e 2024, período que se classifica como antes, durante e após a pandemia de Covid-19.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Nesta investigação, as técnicas de coletas de dados utilizadas foram o diário de pesquisa, a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental.

O diário de pesquisa torna-se uma ferramenta indispensável. Para Gibbs (2009), ele pode ser usado para registrar ideias, discussões e informações sobre a pesquisa até a análise de dados. Com o uso deste diário, foi possível anotar percepções que não foram ditas com palavras nas entrevistas e observação não participante, realizadas pela pesquisadora.

A pesquisa documental é definida por Vergara (2003) como uma investigação em documentos de órgãos públicos, privados e de qualquer natureza. Para realizar a presente pesquisa, o acesso a dados atualizados sobre os professores e as ferramentas tecnológicas implementadas pelo município de Jupi é fundamental para conferir relevância e precisão às informações. Esses dados foram obtidos por meio da Secretaria de Educação Municipal de Jupi, com base em documentos oficiais, como relatórios e ofícios. Além disso, foram consultados ofícios, onde foram encontrados registros sobre a implementação de plataformas tecnológicas. Essa abordagem permitiu reunir informações abrangentes e confiáveis, que embasam as análises e conclusões desta pesquisa, contribuindo para um entendimento mais aprofundado das iniciativas educacionais de Jupi.

De acordo com Lucker (2005), a entrevista é um dos instrumentos básicos para coleta de dados. Esta técnica apresenta a vantagem da captação imediata das informações desejadas pelo pesquisador. A entrevista semiestruturada amplia as possibilidades de interação entre entrevistador e entrevistado, permitindo uma troca de informações mais fluida e abrangente, através da flexibilidade na estruturação da entrevista. Quanto menos estruturada, maior a liberdade para a conversa fluir sem barreiras, facilitando uma comunicação ampla e profunda (Quaresma, 2005).

As entrevistas no modelo semiestruturado, foram conduzidas de forma presencial e individual, este tipo de entrevista segue um roteiro preestabelecido com algumas perguntas abertas, permitindo ao entrevistado liberdade para falar. O pesquisador pode fazer perguntas complementares para aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Esse formato combina características das entrevistas não estruturadas com um roteiro de controle, possibilitando a formulação de perguntas essenciais, mas também a flexibilidade para novos questionamentos não previstos inicialmente (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2023).

No intuito de melhor entender os objetivos a serem alcançados, abaixo encontra-se um quadro informando quais as técnicas de coleta de dados utilizadas para cada um deles.

Quadro 1-Técnicas de coleta de dados

OBJETIVOS	TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS
Descrever como os professores interagem com o ambiente tecnológico após a pandemia de covid-19.	Diário de pesquisa e Entrevistas.
Compreender se há um controle de trabalho que atinge os professores através do uso de tecnologia.	Pesquisa documental e entrevistas.
Analisar se a rotina de trabalho interfere na saúde dos professores.	Entrevista e pesquisa documental.
Identificar se essa adaptação trouxe impactos para os professores.	Diário de pesquisa e Entrevista.

Fonte: Autoria Própria (2024).

Previamente à realização das entrevistas, foi estabelecido um primeiro contato com os professores para apresentá-los a pesquisa, informando que se tratava de um trabalho de conclusão de curso e convidando-os a participar, algo que ajudou muito foi a pesquisadora conhecer a uma grande parte dos professores e também ter sido alunas deles, o que facilitou a comunicação inicial, a princípio os professores foram abordados na escola mesmo e conforme eles aceitavam participar da entrevista os professores compartilharam o WhatsApp para que as entrevistas fossem marcadas, além disso a direção da escola autorizou a conversa com os professores. A escola possui 72 professores. A maioria deles tem mais de um vínculo laboral, o que dificultou a realização das entrevistas pois eles justificavam que não tinham tempo para participar da pesquisa.

Desta forma, para a realização desta pesquisa, foram entrevistados 10 (dez) professores da escola municipal da Cidade de Jupi-PE. Com o intuito de preservar a identidade dos docentes, os professores serão identificados pela letra P e um número de acordo com a ordem em que a entrevista foi realizada.

Abaixo, encontra-se o quadro 2 com as informações de codificação, data de realização e duração da entrevista.

Quadro 2 – Codificação dos entrevistados

ENTREVISTADOS	CÓDIGO	DATA DA ENTREVISTA	DURAÇÃO DA ENTREVISTA
Professor 01	P1	09/09/2024	48m 34s
Professor 02	P2	10/09/2024	21m 11s
Professor 03	P3	12/09/2024	22m 21s
Professor 04	P4	14/09/2024	15m 48s
Professor 05	P5	16/09/2024	15m 31s

Professor 06	P6	18/09/2024	38m 45s
Professor 07	P7	19/09/2024	31m 19s
Professor 08	P8	23/09/2024	17m 06s
Professor 09	P9	25/09/2024	22m 38s
Professor 10	P10	25/09/2024	14m 29s

Fonte: Autoria Própria (2024)

As entrevistas foram gravadas através de um aparelho celular. Após a gravação, todo o material foi transcrito em arquivos de processador de texto Word para facilitar a compreensão e visualização dos dados. As entrevistas ocorreram no período de 09 a 25 de setembro de 2024. A duração das entrevistas variou entre 14 e 48 minutos.

Para garantir a transparência e a conformidade ética do estudo, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que “é documento de caráter explicativo, onde são abordadas todas as questões relativas ao estudo clínico que possam estar relacionadas à decisão do sujeito da pesquisa e, assim, garantir sua participação voluntária” (Souza et al. 2013, p.201). O TCLE e o roteiro de entrevista foram cuidadosamente preparados e disponibilizados para os participantes. Ambos os documentos estão incluídos nos apêndices A e B, respectivamente, para consulta detalhada.

3.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

As informações coletadas nesta pesquisa serão analisadas por meio da análise de conteúdo, técnica desenvolvida por Bardin (2016), que propõe um esquema de passos a serem seguidos após a coleta de dados. Segundo a autora, esse processo se divide em três etapas principais:

1ª- pré-análise: se configura como a fase de organização da coleta, nessa primeira fase pode ser dividida em três etapas, a escolha de documentos que são todas as informações coletadas que serão submetidas a análise, após a formulação das hipóteses e dos objetivos no qual a hipótese é uma afirmação, porém provisória que deve ser verificada, e os objetivos são os resultados obtidos sendo está a finalidade.

2ª - exploração do material: após serem concluídas as operações da primeira fase, essa é longa, fundamentada em codificações, decomposições ou enumeração com base em critérios já elucidados.

3ª - tratamento dos resultados brutos obtidos e a interpretação no qual devem ser lapidados de forma a serem significativos e validos (Bardin, 2016).

A aplicação da metodologia qualitativa utilizando a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) revelou-se fundamental para compreender as complexidades do fenômeno em estudo. Através de uma análise sistemática e detalhada dos dados, foi possível identificar padrões recorrentes e categorias significativas que fornecem uma visão aprofundada sobre as percepções dos professores entrevistados.

A combinação das técnicas de coleta de dados, como diários de pesquisa, entrevistas e pesquisa documental, possibilitará uma análise abrangente dos impactos da tecnologia no ambiente educacional pós-pandemia. Dessa forma, o estudo proporcionará informações sobre a interação dos professores com o ambiente tecnológico, o controle de trabalho imposto pela tecnologia, a interferência da rotina de trabalho na saúde dos professores e os impactos gerais dessa adaptação, contribuindo para a melhoria das práticas pedagógicas e do bem-estar dos profissionais da educação.

3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a dificuldade em obter informações públicas relacionadas aos professores de Jupi, assim como os desafios na busca por materiais de referência para embasar o trabalho. Essas dificuldades podem estar associadas ao fato de o tema ser recente, o que abre espaço para que estudos semelhantes sejam desenvolvidos por outros pesquisadores no futuro, contribuindo para um maior aprofundamento e ampliação da literatura sobre o assunto.

Essa seção teve como objetivo discutir e apresentar as técnicas utilizadas tanto na coleta de dados e na análise, assim como a classificação da presente pesquisa, que utiliza o modelo qualitativo e também apresentar os sujeitos que a compõem, os professores de uma escola de rede municipal de ensino de Jupi-PE, com a explicação dessas técnicas. Seguimos para a finalização da pesquisa que é a análise dos resultados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo tem como principal objetivo “analisar como os professores de uma escola da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19”.

Desta forma, para compreender melhor o alcance deste objetivo, este capítulo é composto por cinco seções: perfil dos entrevistados; interação dos professores com o ambiente virtual após a pandemia da Covid-19; controle docente por meio do uso de tecnologias; rotina de trabalho e saúde dos professores e; impactos da adaptação tecnológica aos professores.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistados dez professores. A seguir, será apresentado o quadro 3 com o perfil deles formado por idade, tempo que leciona, área de formação, sexo, disciplinas ministradas na escola e o tipo de contrato.

Quadro 3 – Perfil dos entrevistados

ENTREVISTADO	IDADE	HÁ QUANTO TEMPO LECIONA	ÁREA DE FORMAÇÃO	SEXO	DISCIPLINA(S) MINISTRADA(S)	EFETIVO
Professor 1	63	27 anos	Licenciatura em Biologia com formação em matemática	F	Matemática	Sim
Professor 2	27	5 anos	Licenciatura em Geografia	M	Geografia e história	Não
Professor 3	34	14 anos	Licenciatura em Pedagogia	F	Ensino infantil. Ensino fundamental	Não
Professor 4	33	15 anos	Licenciatura em Letras (Português-inglês)	F	Língua portuguesa	Não
Professor 5	40	20 anos	Psicopedagogia Institucional	F	Polivalente(fundamental)	Não
Professor 6	52	24 anos	Licenciatura em Ciências biológicas	F	Ciências	Sim
Professor 7	26	5 anos	Licenciatura Letras	M	Inglês e português	Não
Professor 8	29	8 anos	Licenciatura Letras	F	Português	Não
Professor 9	29	8 anos	Licenciatura e Bacharelado em educação Física.	M	Educação Física	Não
Professor 10	42	20 anos	Lic. Geografia	F	Geografia	Não

Fonte: Autoria Própria (2024)

Ao observar os dados do quadro acima, verifica-se que a idade das pessoas entrevistadas varia de 26 a 63 anos e o seu tempo de docência varia de 05 a 27 anos. Sobre a formação desses professores, percebe-se que três são formados em Letras e um deles com especialização em Inglês; dois formados em Geografia; dois com formação em Biologia - um deles com especialização em Matemática; um é bacharel em Educação física, com especialização em Licenciatura. Esses apresentados são os professores de hora-aula, ou seja, aqueles que dão aulas de disciplinas específicas. Das professoras de ensino infantil e polivalente, uma tem formação em Pedagogia e outra é formada em Psicopedagogia institucional.

Em relação à identificação de gênero, sete se identificam com o gênero feminino e três com o gênero masculino. Quanto ao vínculo, duas são professoras efetivas e oito são professores contratados temporariamente.

Quanto a sua atuação em sala de aula, dois ensinam no ensino infantil, oito no ensino fundamental. Apenas a rede estadual oferece o ensino médio. Há também uma variedade nas disciplinas que cada professor ministra aula, que inclui desde áreas de exatas, como Matemática e Ciências, até áreas de humanas, como Língua Portuguesa e História, e também os professores das séries iniciais ou alfabetização, que ensinam conteúdos diversos.

Nessa primeira sessão da análise dos resultados foi observada a caracterização dos entrevistados, revelando o perfil de cada um e os diferentes níveis de atuação. Na próxima sessão, seguirão as discussões dos resultados, que serão aprofundadas com base nos objetivos específicos do projeto, e as implicações das inovações tecnológicas na atuação dos professores. Essas discussões permitirão identificar as principais contribuições e desafios enfrentados no cenário educacional, a partir das percepções dos entrevistados.

4.2 INTERAÇÃO DOS PROFESSORES COM AMBIENTE VIRTUAL DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19.

Quando a Organização Mundial da Saúde declarou estado de pandemia, causado pelo Coronavírus, e grande parte dos setores produtivos e de serviço foi atingida. As instituições públicas e privadas também foram incluindo as escolas, que tiveram que adotar uma rotina diferenciada para que os alunos continuassem no processo de aprendizagem durante o

lockdown. Como aliadas nessa etapa foram introduzidas ferramentas tecnológicas que estão mais presentes nas vidas das pessoas.

Durante o lockdown, os professores tiveram que readaptar suas rotinas, reorganizando suas casas e horários, para se inserirem em um novo contexto metodológico. A forma tradicional de ensino, com o uso de quadro, alunos sentados em filas e atividades em sala de aula, deixou de ser uma realidade. Em seu lugar, surgiu um modelo inteiramente virtual, onde o ensino era mediado por computadores e os alunos acessavam as aulas por celulares, cada um em suas casas. Essa transição repentina foi descrita como "difícil" por alguns professores entrevistados, ao relatarem o desafio de ministrar aulas remotamente e de integrar ferramentas tecnológicas no processo de ensino durante a pandemia por ser algo repetitivo e não houve a devida formação.

Os relatos abaixo dos professores P6, P9, P3 e P1 evidenciam como esse período foi percebido por eles:

A gente sentiu muita dificuldade em se sentir por conta da adaptação. Porque não era, a gente tinha o presencial, a gente estava ali no dia a dia, cara a cara. E com a pandemia mudou totalmente a nossa vida. Eu vi dessa forma. Pra mim foi muito, como é que se diz, como é que eu posso dizer, foi trabalhoso se adaptar àquela nova rotina. Porque você estava ali todos os dias com seu aluno e de repente você não vê. Porque no caso da gente, a gente não via os alunos. A gente estava só dando aula a eles, quando eles tinham alguma pergunta fazia, mas era assim, tudo por mensagem. Nada o olho a olho, pra mim o melhor é o olho a olho. (P6)

Assim, preparado, preparado, não. Só que eu sempre fui... Ah, sempre gostei de tecnologia, então sempre tive acesso a computador, meio tecnológico. Então, para mim, não foi difícil me adaptar ao meio da tecnologia no tempo da pandemia. Então, para mim, foi bem mais tranquilo para a adaptação da tecnologia nas minhas aulas. (P9)

Bem difícil no começo. Para você se adaptar a uma tela de um telefone, a uma tela de um computador. E assim, ter poucos acessos de crianças, porque nem todo mundo tem esse acesso à internet, a um aparelho digital. Muitas vezes a gente tinha que fazer as aulas online, tinha aquele "horário determinado". E não tinha horário determinado, na verdade, porque a gente dava aula até a noite, tirando dúvida de criança. (P3)

Muitos. Muitos desafios. Primeiro, que pegou todos os professores despreparados, né? Para você chegar na sala de aula e usar essa ferramenta tecnológica, primeiro tem que tê-las. O suficiente. Você não tem. Eu não tinha o suficiente, porque precisa de muitas coisas. E o colégio também não tinha para cada professor. Muitas coisas seria aparelhos tecnológicos? Os aparelhos tecnológicos. (P1)

Diante do exposto, percebe-se que os professores sentiram a nova realidade de formas diferentes, P6 fala das dificuldades atrelada à nova rotina distanciada dos alunos e a falta que a proximidade fez. P9 relatou adaptação tranquila a ferramentas e modelo de aula, mesmo sem a formação, ele usou bem as ferramentas em suas aulas. P3, em sua fala, relata sobre a dificuldade inicial à adaptação e à falta de acessibilidade por parte dos alunos. P1, além de

ênfatizar a falta de preparo dos professores também fala sobre a falta de equipamentos necessários. Essas falas ênfatizam os desafios enfrentados, não apenas no domínio das ferramentas tecnológicas pelos professores, mas também na questão estrutural ao acesso dos alunos à internet e aos dispositivos necessários para acompanhar as aulas.

Outro ponto a ser destacado é a falta de acessibilidade aos equipamentos tecnológicos, pois nem todos os alunos tinham acesso ao celular e internet de qualidade. Com o intuito de não excluir esses estudantes que não conseguiam se conectar, cabiam aos professores preparar atividades e textos para que os pais ou responsáveis fossem na escola retirar o material.

Durante a pandemia de COVID-19, os professores enfrentaram e se adaptaram ao ensino remoto, onde ministravam aulas online por meio de plataformas digitais, eles também precisaram preparar atividades impressas para os pais buscarem na escola, atendendo às necessidades de alunos sem acesso à internet ou dispositivos adequados. Essa realidade sobrecarregou ainda mais os docentes, que se viram obrigados a conciliar o ensino digital com o ensino tradicional em formato físico, criando atividades diferenciadas para cada grupo de estudantes. As falas de P7 e P8 demonstram tal prática:

tinha que mandar para os alunos, às vezes tinha que fazer atividades adaptadas, outros não tinham acesso à tecnologia, então a gente tinha que fazer, voltar aqui para a escola, deixar na escola, para que depois os pais vinhassem buscar. (P7)

Pronto. Durante a pandemia, a gente tinha uma listagem daqueles alunos que tinham celular, que eram os alunos que estavam nos grupos, né, acompanhando as aulas, acompanhando as apostilas que a gente mandava. E aqui também, na escola, a gente vinha e fazia a impressão de apostilas para os alunos que não tinham celular. Então, era marcado um dia na semana, e esses alunos vinham buscar na escola, ou os alunos ou os responsáveis, essas apostilas, toda semana. (P8)

O relato acima dos professores entrevistados fala sobre as redes sociais e o trabalho do professor durante a pandemia, no qual essas ferramentas se tornaram o único meio de comunicação entre pais, alunos, professores e gestão. Isso reforça o que disse Paludo (2020) que as redes sociais além de serem locais de interação e lazer acabaram com definição de horário de trabalho. Além disso, os professores relatam que horário de expediente deixou de existir, pois eles passavam o dia e até a noite respondendo questionamentos de pais e alunos.

Os relatos de P2 e P3, a seguir, demonstram como esse período foi marcado por adaptações temporárias e uma sobrecarga na rotina de trabalho.

Era nossa ferramenta de trabalho, nosso meio de trabalho, era a internet e as redes sociais. Principalmente o WhatsApp, que foi a rede social que a escola adotou. Foi tentado implantar aplicativos, outros sites online, mas não deu certo. O alunado não

absorveu. Aí, a ferramenta adotada foi o WhatsApp mesmo, para tentar alcançar. Mas hoje em dia, a gente não utiliza mais não. (P2)

Eu gravava vídeo, eu fazia atividade e mandava para a criança. Agora, o ao vivo não houve muito não, foi muito pouco. Mas no WhatsApp foi muito, muito, muito. Áudio em cima de áudio, foto em cima de foto. Era eu gravando, mostrando, passando a atividade para a criança. Foi bom, porque a criança estava tirando a dúvida. Mas foi ruim, porque querendo ou não, tirava minha privacidade de estar na minha casa. Mas aí era meu trabalho também, ao mesmo tempo. (P3)

Durante as entrevistas, ficou evidente que muitos professores demonstravam uma certa naturalidade ao falar sobre o excesso de jornada de trabalho durante a pandemia, apesar de ser algo que estava claramente distante da realidade profissional deles. Esse comportamento foi notado ao longo das conversas, revelando uma perspectiva que, em muitos casos, parecia naturalizada.

Outro tema trazido pelos professores é o impacto das redes sociais. O relato de P7, abaixo, destaca a falta de sensibilidade e limites de alguns pais que não utilizavam esses ambientes de interação de maneira adequada, ao enviar mensagens que ultrapassava os dias e horários relativos à jornada de trabalho, fazendo com que a interação desses professores nas redes sociais deixasse de ser vista como lazer para estar associada ao trabalho.

Porque as redes sociais, né, para a gente antes da pandemia, era, vamos dizer assim, um refúgio, né, para a gente se divertir, interagir, conversar com alguns colegas. E durante esse período de pandemia, ela se tornou praticamente uma ferramenta de trabalho, tá? E aí, por vezes, eu particularmente preferia não abrir as redes sociais, porque eu sabia que ia ter, sei lá, 50, 60 grupos lá, e um monte de pai mandando mensagem para mim, né, para fazer uma cobrança para além do horário de trabalho. E isso, sim, se tornava muito cansativo. (...) por exemplo, os pais mandavam mensagem para a gente, às vezes ligavam, cobrando, mandavam áudio, 10 horas da noite, 11 horas da noite, que não é o nosso horário de trabalho, né? Eu lembro que uma vez eu acordei, eu acho que era uma hora da manhã com o pai me ligando. Aí isso torna bem complicado, então assim, o nosso momento que era para dormir de lazer, né, para descansar, tinha o pai cobrando a gente na atividade. (P7)

Com base no relato acima, é possível compreender que os professores passaram a enfrentar uma nova demanda de interações fora dos horários convencionais de trabalho. Os pais e alunos os contatavam frequentemente fora do período escolar para esclarecer dúvidas ou solicitar orientações. Esse tipo de demanda contínua, muitas vezes por meio de mensagens e chamadas, rompeu a separação entre o espaço pessoal e profissional, aumentando o nível de estresse e cansaço dos educadores.

Mesmo após a redução das medidas de distanciamento, o retorno dos professores às aulas presenciais continuou a apresentar desafios. Voltar à 'normalidade' com um vírus ainda em circulação foi uma tarefa complexa, exigindo adaptações constantes e gerando incertezas.

Com o retorno das aulas presenciais, os professores que estavam lecionando de forma remota encontraram uma novidade ao voltar para a sala de aula: o antigo modelo de controle de presença e registro de atividades, conhecido como Caderneta, foi substituído pelo aplicativo Vida Escolar introduzido ainda na pandemia. Além de planejarem e ministrarem suas aulas, os professores agora utilizam essa ferramenta digital para descrever como as aulas foram conduzidas e registrar as atividades repassadas aos alunos. Abaixo, pode ser entendida a relação dos professores com a Caderneta e a percepção de P1, P3 e P8 com o novo aplicativo:

Você tinha que fazer tudo à mão. Tudo que você ia escrever passava horas e mais horas madrugadas e mais madrugadas para registrar aulas, planejamentos, presenças, faltas... O registro da vida escolar do aluno era muito difícil. (P1)

Era escrito, imagina, fazer caderneta escrita, com sete páginas para cada estudante. Individualmente, veja, hoje é online, é muito mais fácil. Eu fiz 30 dias de aulas ontem. Compreende? Se fosse escrito, eu ia passar dois dias fazendo. Então facilita demais. (P3)

Eu vejo que não tem pontos negativos, porque a gente vinha do manual, né, da caderneta física, e aquilo ali era um trabalho extenso, né, de preencher nota por nota, frequência por frequência. Então depois que o Vida Escolar chegou, o aplicativo, tornou tudo mais fácil, até porque tudo é na nossa mão, né, dá pra mandar na nossa mão com o celular. Então foi maravilhoso. (P8)

Pode-se então perceber pelos relatos acima que, para os professores, o aplicativo Vida Escolar foi uma adaptação tecnológica que melhorou a rotina deles fora da sala de aula, já que é uma atividade que os professores realizam fora do horário de trabalho e a antiga Caderneta consumia muito o tempo dos professores.

Moura e De Moura (2024) falam sobre as portas que o uso de tecnologia em sala de aula pode abrir, mas também relatam que pode ser um desafio para alguns professores por não ter conhecimento de como as utilizar. Mas essa teoria não foi confirmada de acordo com as falas dos professores. Talvez isso não tenha acontecido pois os professores também relataram que foram bem treinados para usar o aplicativo em questão.

A gente teve sim, quando foi inserido o Vida Escolar aqui. Veio o pessoal mesmo, veio falar como funcionava. E a gente recebeu uns vídeos de orientação no WhatsApp. Então, a gente teve todo o apoio. Eu, quando comecei a usar, também tinha a responsável aqui na escola, que ela tem o acesso. Ela foi lá e ensinou tudo direitinho. Então, a gente recebeu apoio. Tanto do pessoal mesmo, do aplicativo (Suporte do aplicativo) quanto da escola. A gente recebeu apoio para utilizar. (P2)

O treinamento na escola. Foi rápido. Eles trouxeram o responsável pela plataforma. E o responsável, ele explicou todos os trâmites de utilização da plataforma via também um data show. Então, ele ia fazendo de maneira real e a gente ia observando como era que acontecia. (P4)

Teve, teve. A gente tinha reuniões online para justamente ter mais conhecimento da plataforma. Por quê? Porque antes a gente não usava e a partir dessa plataforma a

gente teve que se adaptar. Teve que mudar e aprender realmente aquela plataforma que era uma coisa que a gente não utilizava. (P6)

Esses relatos do P2, P4 e P6, demonstram uma situação inversa comparada a pandemia, quando o corpo docente teve que usar a tecnologia para ministrar aula sem nenhum preparo ou treinamento para manusear as ferramentas tecnológicas. Após o aplicativo ser inserido, com apoio necessário, para que os professores adicionassem em suas rotinas de forma apropriada, o Vida Escolar trouxe uma eficiência para a rotina deles.

4.3 CONTROLE DO TRABALHO DOS PROFESSORES PELO USO DE TECNOLOGIAS

Como descrito na seção anterior, os professores passaram por adaptações no uso de novas tecnologias, que foram implementadas conforme as avaliações realizadas pela gestão educacional e a direção da escola. No entanto, esses avanços tecnológicos também trouxeram desafios, especialmente no que diz respeito ao controle do trabalho docente.

Os professores foram questionados sobre o modo como a gestão cobra ou busca resultados após a introdução de ferramentas, as respostas dos professores seguiram um padrão.

Eu me sinto cobrada de acordo com o que eu recebo deles. Porque assim, eles dão recursos. Então, se você está tendo acesso a recursos, você quer um retorno. Então, nesse sentido, eu acho que eu não sou cobrada. Eu apenas dou um feedback daquilo que eu recebo. (P4)

Tem, tem sim essa cobrança de entregar bons resultados, tem. Porque assim, às vezes o que acontece é que essa cobrança faz com que a gente hoje não tenha tanta qualidade no ensino. É mais quantidade. Então, essa é a forma que eu vejo. Por cobrarem tanto, por números resultados, às vezes a gente acaba que não tem mais aquela qualidade de antes. Você só vai passar o aluno se realmente ele tiver o conhecimento. E hoje a gente vê que isso é diferente. Por conta de tanta cobrança, eles não querem tanto a qualidade. Eles querem números. Então, posso até ter uma ideia diferente dos outros, mas esse é o meu pensamento. Eu acho que pela cobrança, às vezes a gente acaba que não tem tanta qualidade. (P6)

De certa forma, sim. Eu acredito que isso daí é mais cobrado, principalmente para os professores de língua portuguesa e de matemática, no último ano, no caso seria o nono ano, devido às provas de nível federal e estadual que a gente faz. Mas eu acredito que essa cobrança é uma cobrança boa, tá? E, pelo menos aqui na escola, eu tenho percebido, pelo menos comigo, que a coordenação sempre deixa a gente à vontade para fazer o planejamento e tudo mais. E aí eles acompanham, obviamente, esse resultado, esse monitoramento...(P7)

Os P4, P6 e P7, descreve que há uma sensação de controle no trabalho dos professores, mas a forma como essa cobrança é percebida e a maneira como ela afeta o trabalho variam. Enquanto P4 vê a cobrança de maneira mais leve e natural, P6 critica o impacto negativo na qualidade do ensino, evidenciando um controle focado em resultados numéricos. P7, por outro lado, enxerga o controle como necessário e positivo, destacando a liberdade que possui no

planejamento, apesar da cobrança pelos resultados. Assim, podemos concluir que o controle existe, mas suas implicações variam de acordo com a percepção de cada professor, a escola e a experiência individual do professor.

Na visão dos professores eles afirmam que há mais monitoramento sobre a aprendizagem dos alunos, de acordo com os relatos dos P4, P5 e P2:

Eu acho que as estratégias utilizadas pela gestão são boas. E elas apontam, de fato, fatores reais da própria escola. Comportamento, análise de conhecimento, levantamento de alunos que, por exemplo, possam apresentar algum transtorno. Então, tudo isso é identificado dentro desses gráficos que são analisados. (P4)

Sim, sim, a gente está sempre assim, de mãos dadas, digamos assim, né? A gente está sempre unido em reunião, monitoramento, para ver como está a aprendizagem do aluno e o que tem dificuldade a gente correr mais atrás. (P5)

Tanto que a gente faz monitoramento todo o final de bimestre, então, a gente identifica as disciplinas que os alunos estão tendo mais dificuldade, e a gente é instigado a realizar plano de ação. O que é um plano de ação? No caso, a gente vai ver o que é que a gente pode fazer para ajudar. Aí, a gente vai traçar alguma estratégia para tentar melhorar a nota daquela aluna. Por exemplo, se ele não consegue atingir a nota através de atividades escritas, através de provas, a gente passa um projeto, um trabalho, para tentar focar na participação dele, para tentar desenvolver as habilidades dele de uma outra forma. (P2)

Esse tipo de monitoramento só foi inserido após a introdução do aplicativo Vida Escola, mas para os professores esse monitoramos constante com intuito de melhor resultados, não é uma forma de controle de trabalho. Para o P5 reforça a ideia de colaboração ao destacar a união constante entre professores e a gestão escolar, que é completado pelo P2 ao dizer que esses monitoramentos é uma forma de encontrar as dificuldades dos alunos e criar estratégias para atender melhor a necessidade.

Uma análise desta seção revela que, segundo o entendimento da gestão, a responsabilidade pelo desempenho insatisfatório do aluno recai inteiramente sobre o professor. Confirmado a que disse Gasparine at. al (2005) que o sistema educacional atribui ao professor uma responsabilidade de resolver certos problemas.

4.4 INTERFERÊNCIA NA ROTINA DE TRABALHO E A SAÚDE DOS PROFESSORES

Nessa seção será analisado se a alteração da rotina de trabalho interferiu na saúde dos professores. A carga horária extensa, as pressões relacionadas ao planejamento e à execução das aulas, além da necessidade de adaptação constante a novas metodologias e tecnologias, contribuem significativamente para o aumento do estresse e do desgaste emocional e físico, podendo revelar aspectos críticos que afetam tanto o bem-estar físico quanto o mental.

As mudanças passadas pelos professores, citadas em seções anteriores, se tornaram objeto de estudo. Ao serem questionados sobre a rotina de trabalho, os professores fizeram os seguintes relatos:

Isso daqui é bem desafiador, porque assim, a gente, eu tenho percebido isso que depois desse período de pandemia, e aí eu vou repassar, a gente tem níveis de alunos diferentes e que não é nem, como é que eu posso dizer assim, estão em um nível muito divergente, tá? Não é aquele nível que é próximo, é um nível muito divergente. Então dentro de uma sala a gente tem o melhor aluno e o pior aluno(...). Então, é um trabalho bem extensivo, tá? E que come muito tempo, tá? E não só isso, às vezes para a correção da atividade, eu gosto de fazer uma correção coletiva, e aí aquele aluno que não sabe ler, às vezes só vai lá, copia aquela atividade, porque ele não sabe que está lá, ele não consegue decifrar lá o código linguístico, né? E aí só vai e faz essa correção. E aí eu fico me perguntando, mas o que foi que esse aluno colocou lá? Então, isso se torna bem complicado para a gente, bem complicado mesmo, tá? Então, é um trabalho bem extensivo, tá? E que às vezes, sendo bem sincero, eu preciso fazer um planejamento, porque a gente também fica cansado, né? As informações e tudo mais. (P7)

Corrido. Corrido. Porque o professor leva muito trabalho para casa. O professor leva muito trabalho para casa. A gente tem que determinar um horário e um tempo para correção de atividades, para preparação de aula, para estudar, para fazer slide, para planejar, para manter o sistema alimentado. Então, é uma rotina corrida. (P8)

É um trabalho duplo. O que a gente executa na sala de aula já vem pronto de casa. Em casa, a gente prepara as aulas, atividades, avaliações, o que você pretende trabalhar em suas aulas. Na escola, a gente só executa. Então, é um trabalho duplo. O professor não trabalha só na escola. É uma rotina cansativa. Principalmente a de executar o trabalho. A de elaborar as atividades até que não seja tão cansativa. A de executar é mais cansativa, com certeza. Muitas vezes, a gente não tem o resultado que desejaria com os alunos. (P10)

De acordo com P7, a interferência na rotina de trabalho, intensificada pelas diferenças entre os níveis de aprendizagem dos alunos no período pós-pandemia, tem gerado desafios consideráveis para o seu bem-estar. Ainda em sua fala, ele destaca que lidar com uma sala onde há grandes discrepância entre os alunos mais e menos avançados exige um esforço adicional de planejamento e correção. A descrição do trabalho como "bem extensivo" indica que o tempo necessário para atender às necessidades diversas é elevado, o que pode contribuir para um desgaste emocional e físico. Além disso, o professor menciona a frustração ao corrigir atividades, especialmente quando os alunos não conseguem compreender o conteúdo, o que acaba prolongando e complicando ainda mais suas responsabilidades.

Ainda analisando esses relatos que os professores comentam sobre suas rotinas, é possível compreender o que Barbosa (2012) defende sobre a rotina deles requerer uma série de atividades fora da sala de aula, classificadas como “atividades extraclasse”. Os relatos de P8 e P10 detalham como o tempo é corrido para gerenciar o preparo das aulas e a ministração, e a parte mais complicada se torna a “execução” (P10). P8 expressa a sobrecarga de trabalho e a

falta de tempo para equilibrar as múltiplas tarefas que fazem parte da rotina docente. Ele destaca como é comum levar trabalho para casa, o que contribui para um dia a dia acelerado e sem pausas.

Quando questionados sobre a saúde física e emocional, os entrevistados relataram que a sobrecarga durante a pandemia e os primeiros momentos pós pandemia nos retornos às aulas presenciais teve um impacto significativo em seu bem-estar emocional.

Sim. Muito. Mudou. A garganta não aguentava. Porque, no período que se ficou usando a máscara, se esforçava mais para falar. Aí a garganta aguenta. E quando voltamos, voltamos, professor, estudante, funcionários, era todo mundo com medo. Todo mundo com medo. Você sentava, você era um... aquela parte, de um metro e meio de distância. Aí, tudo que você ia falar, você se esforçava mais. Você já fazia as mímicas, os gestos, bem mais. Aí, só, o psicológico sofreu muito. (P1)

Eu percebi e, assim, isso aflorou durante o trabalho online mesmo. Porque eu comecei a ter algumas crises de ansiedade e tudo. E eu comecei a tomar medicação a partir disso aí. E é assim porque a gente acabava absorvendo muitos problemas dos outros alunos. Então é algo muito comum. (P2)

Na verdade, querendo ou não, mexe muito, né? Com o psicológico, com a nossa saúde mental. Porque foi muito corrido, aí vem a pressão psicológica que você tem que dar de conta de tudo. (P5)

O relato de P1 menciona os efeitos físicos e emocionais, especialmente com o uso de máscaras, que exigia mais esforço para se comunicar, afetando a voz e aumentando o desgaste psicológico. P2 revela que a pressão do trabalho remoto, somada à absorção dos problemas dos alunos, desencadeou crises de ansiedade que culminaram na necessidade de medicação. P5 reforça essa ideia ao mencionar a sobrecarga emocional, destacando o impacto da pressão psicológica em ter que lidar com múltiplas demandas simultâneas. Em suma, os relatos indicam que a adaptação ao novo contexto de trabalho trouxe não apenas desafios operacionais, mas também sobrecargas mentais e físicas, resultando em um desgaste na saúde dos professores.

4.5 O IMPACTO DAS ADAPTAÇÕES TECNOLÓGICAS PARA OS PROFESSORES

Os professores entrevistados, ao serem questionados sobre as adaptações tecnológicas, não tiveram uma posição totalmente formada. Para eles, o impacto maior foi a possibilidade a acesso e variedade de ferramentas tecnológicas que passaram a ter acesso para os ajudar no desenvolvimento do trabalho docente, como pode ser visto de acordo com os relatos de P4, P3 e P6:

Eu gostei porque eu aprendi. Eu acho que você quer aprender e você tem aquela preguiça. E aí, eu aprendi. Na marra. Hoje, a gente tem projetos que precisam ser vivenciados. E quem é que faz os projetos? A gente. E isso me fez aprender a mexer,

a manusear mais ainda o computador. A tecnologia já estava, mas agora ela precisa estar mais ainda. Você precisa estar levando vídeos para a sala de aula e facilitar a aprendizagem dos estudantes. Isso a gente fazia lá na pandemia, mas eu continuei fazendo porque facilita. Às vezes, tem um conteúdo de ciências que você coloca só na folhinha. A menina já fica assim, sabe? Mas quando você leva um vídeo, aí ele já fica: “ah como é bom e vê”. O ver é muito importante, Mariana. Pronto. Foi o que eu gostei. (P3)

Um aspecto positivo é que os professores precisaram se atualizar, querendo ou não. Então, para que a educação pudesse ter uma continuidade, os professores tiveram que deixar o comodismo de lado para fazer algo acontecer. Então, isso é positivo. Negativo é só a questão do acesso mesmo. Porque nós temos uma demanda muito grande de pessoas que moram na zona rural. E a maioria delas são pessoas que não têm acesso à internet ou às próprias ferramentas. (P4)

Tem a plataforma da escola na internet (Vida Escolar), então os alunos vão lá e tem em tempo real o que está acontecendo, o que vai acontecer na escola. Então, ali eles já ficam sabendo. Então, essas informações são passadas bem mais rápido do que antes. Não precisa que eles esperem o outro dia para a gente comunicar ao vivo. Não, eles já sabem. Se eles têm esse equipamento para utilizar, eles vão utilizar para saber as informações da escola. Então, hoje esse contato já é bem diferenciado. Melhorou, melhorou e muito. (P6)

Fica evidente na fala dos entrevistados que a transição para o uso de tecnologia, embora traga benefícios, eles enfrentam barreiras significativas. Os professores destacam a necessidade de atualização tecnológica como um ponto positivo. P3, por sua vez, ressalta que, embora o aprendizado tenha sido forçado, ele viu a experiência como uma oportunidade de desenvolver habilidades tecnológicas que facilitam o processo de ensino e aprendizagem. Ele também destaca como a tecnologia pode enriquecer o conteúdo e captar a atenção dos alunos, como no uso de vídeos em sala de aula, que proporciona uma experiência mais envolvente e visual, e por fim P4 fala que esse modelo não pode ser tanto introduzido com os alunos porque não há uma equidade ao acesso à tecnologia por todos, por sua vez, enfatiza que os professores precisaram sair da zona de conforto para garantir a continuidade do ensino, o que foi um fator positivo para a evolução profissional e para o ensino em si. Já P6, cita o aplicativo Vida Escolar como uma ferramenta que impactou a comunicação entre alunos e professores, pois se tornou mais fácil enviar aviso aos pais. E com isso fica perceptível como a tecnologia também contribui e facilita a comunicação de forma expressiva.

Pronto, tem alguns aspectos positivos e outros negativos, ontem mesmo, na verdade, durante a semana, a gente começou a trabalhar com os da tecnologia, na sala de aula, porque um dos nossos conteúdos, pelo menos do sexto ano de língua portuguesa, é o uso da propaganda, né, como é que faz, tudo mais, e aí eu tive a ideia de a gente começar a fazer, de fato, alguns cartazes e tudo mais, e não só isso, na tentativa de vender o produto, já que é propaganda, né, houve uma ideia, e aí eu utilizei, inclusive comecei com alguns alunos, para eles trazerem o celular para a sala de aula, e aí com aquele aplicativo Canva, a gente começava a fazer e divulgar algumas propagandas, então eu percebi também que os alunos tinham uma certa facilidade com o uso do

celular, que, inclusive, eles sabiam mais coisas do que eu, tá? Agora, do aspecto negativo, aí eu também vou voltar para o uso do celular, porque de vez em quando eu passava em alguma banca, eu achava num joguinho como Free Fire, por exemplo, tá? Então, tem o seu lado positivo e o seu lado negativo. (P7)

Olha, pontos positivos eu vejo para o trabalho docente. Agora, para o trabalho de pesquisa do docente. Agora, para o público discente, eu não vejo algo muito positivo, não. Porque eu percebi, já, que muitos deles, infelizmente, eles não sabem nem utilizar o Google. Aí, saiu uma pesquisa que eu tinha visto, que boa parte dos jovens, eles usam o Tik Tok como ferramenta de pesquisa. E não seria o correto, seria utilizar pelo menos o Google, né? E alguns que usam, eles não sabem filtrar informações, então, a primeira informação que chega ali, eles pegam, não sabem ler, não sabem processar a ideia, não sabem processar o pensamento. Então, a gente que já tem mais habitualidade com isso, às vezes temos dificuldades para identificar como é uma notícia verdadeira ou uma Fake News, imagine eles. Então, eu percebo muito isso, essa falta de letramento¹ digital. (P2)

A análise conjunta das falas dos professores P7 e P2 revela tanto as vantagens quanto os desafios da adaptação ao uso de tecnologias em sala de aula. P2 acrescenta uma preocupação com a falta de letramento digital entre os alunos, mencionando que muitos não sabem utilizar ferramentas de pesquisa eficazmente, recorrendo a plataformas como o Tik Tok para buscar informações. Esse posicionamento que tem o P2 vai de encontro ao que diz (Marcelo e Martínez, 2023) que defende que o uso de plataforma como Instagram, X (Antigo Twitter) e Tik Tok para que os professores tenham novos meios de aprendizagem. Mas a uma dificuldade introduzir aos alunos, pois eles não sabem discernir entre informações verdadeiras e Fake News, o que reflete a necessidade de habilidades críticas no uso das tecnologias. P7 observa aspectos positivos na integração de aplicativos como o Canva, que tornam as atividades mais dinâmicas e atraentes para os alunos, muitos dos quais demonstram facilidade com o uso de dispositivos móveis. No entanto, ele também destaca o lado negativo, como o risco de distração, com alunos usando os celulares para jogar durante as aulas. Assim, enquanto as tecnologias oferecem oportunidades para inovar na educação, elas também trazem desafios significativos, exigindo um equilíbrio entre o estímulo à sua utilização e a formação de competências digitais que promovam um uso responsável e consciente.

Em conclusão, este capítulo buscou responder aos objetivos específicos do estudo. A partir das análises, foi possível obter uma compreensão mais aprofundada sobre as principais adaptações e impacto ao logo ao início da pandemia e o período após que influenciou diretamente no atual contexto da rotina do professor, revelando tanto os desafios quanto as oportunidades presentes no atual cenário educacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar como os professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19. A partir dos resultados obtidos, foi possível observar que a pandemia acelerou o processo de integração das tecnologias no ensino, exigindo dos professores não apenas o aprendizado de novas ferramentas, mas como integraram as metodologias usuais ao novo formato de ensino, a fim de melhorar e aperfeiçoar a forma de ministrar aulas, além de contribuir para a melhoria no controle de aula e no acompanhamento dos alunos.

Embora muitos professores tenham demonstrado uma adaptação positiva às possibilidades trazidas pelas tecnologias, o estudo também revelou desafios importantes. Durante a pandemia de Covid-19, com a introdução das ferramentas digitais, os professores precisaram se reinventar e se inserir no ambiente tecnológico. Esse processo de adaptação trouxe consigo diversas dificuldades, exigindo uma transformação significativa em suas práticas metodológicas.

Entre eles, destacam-se as dificuldades de acesso à internet e a equipamentos por partes dos alunos, dificultando as aulas e demandando dos professores um tempo de dedicação elevado, a falta de familiaridade inicial com algumas ferramentas digitais e o impacto psicológico decorrente a se adequar rapidamente a essas novas exigências em momento que difícil que foi o lockdown.

Em relação à adaptação ao ensino virtual, apesar do impacto trazido pela pandemia, os professores atualmente veem as tecnologias e ferramentas digitais como uma transformação bem-vinda à rotina de trabalho. Eles acreditam que, quando usadas de forma adequada, essas ferramentas podem potencializar e transformar a maneira de ministrar e preparar as aulas.

Outro ponto relevante é a diferença nas percepções sobre o uso das tecnologias. Alguns professores enxergaram na adaptação tecnológica uma oportunidade de crescimento profissional e melhoria nas práticas de ensino, enquanto outros, especialmente aqueles com menos familiaridade com ferramentas digitais, sentiram-se sobrecarregados e pressionados.

Esses resultados apontam para a necessidade de um apoio contínuo à formação dos professores em tecnologia educacional, considerando tanto a capacitação técnica quanto o suporte emocional. Sugere-se que políticas educacionais futuras incluam programas de

formação específicos que levem em conta o contexto e as realidades dos professores da rede municipal, garantindo, assim, uma adaptação mais equilibrada e inclusiva.

Finalmente, ao identificar tanto os benefícios quanto os obstáculos encontrados, o estudo contribui para o entendimento dos processos de adaptação tecnológica no ensino, demonstrando a importância de um suporte estruturado para facilitar a transição e promover o uso eficaz das tecnologias no ambiente educacional.

Ao longo da pesquisa foi observado que o ambiente educacional passou por transformações significativas com a introdução de novas tecnologias e sistemas de monitoramento, como o aplicativo Vida Escolar. Para os professores essas mudanças não trouxeram uma sensação de controle e cobrança no trabalho docente, cujas implicações variam conforme o contexto e a experiência individual. Embora o monitoramento e a busca por resultados possam ser percebidos de maneiras diferentes, eles representam tanto um meio de aprimorar o planejamento e a adaptação metodológica quanto um fator de pressão sobre os professores, que acabam assumindo a responsabilidade pelo desempenho dos alunos.

Essas descobertas apontam para a necessidade de estudos futuros que ampliem a compreensão sobre as relações de trabalho desses profissionais. É fundamental que novas pesquisas explorem não apenas o uso de tecnologias, mas também outros aspectos relevantes relacionado aos professores, abrangendo um leque mais amplo de temas. Além disso, seria interessante que investigações semelhantes fossem realizadas com professores do ensino médio e superior, além dos gestores dessas instituições.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Brasiliense, 2017.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 349-372, 2009.

BARBOSA, Andreza. Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros/Low salaries implications on brazilian teachers' work. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 1, n. 2, 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo: Tradução Luís Reto, Augusto Pinheiro. **São Paulo: Edições**, v. 70, 2016.

CALLE. **Em marcha, a educação uberizada**; Outras palavras; 15 de jun. 2021, <Disponível <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/em-marcha-a-educacao-uberizada/>> Acesso em: 23/02/2024.

CAMPOS, Celia Maria Sivalli; VIANA, Nildo; SOARES, Cassia Baldini. Mudanças no capitalismo contemporâneo e seu impacto sobre as políticas estatais: o SUS em debate. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 82-91, 2015.

CHAGAS, Júlia. A docência da educação de jovens e adultos em tempos de pandemia: uma análise dos debates promovidos pelo Fórum EJA de Pernambuco. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

CNS. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **RECOMENDAÇÃO Nº 036, DE 11 DE MAIO DE 2020**. Brasil, 2020. Disponível em:< <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020> >Acesso em: 25 out. 2023.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. 2020. [http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O% 20IMPACTO% 20DA% 20PA NDEMIA% 20NA% 20EDUCA% C3](http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%20C3), v. 87, p. C3, 2021.

COSTA, Sely Maria. Impactos sociais das tecnologias de informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 19, n. 1, p. 3-22, 1995. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46355>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. Ubu Editora, 2023.

DAL ROSSO, Sadi. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006.

DATHEIN, Ricardo. Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. **Publicações DECON Textos Didáticos**, v. 2, p. 2003, 2003.

DE MOURA, Edmilson Borges; DA CONCEIÇÃO MOURA, Angelita Teresa. A TECNOLOGIA ALIADA À EDUCAÇÃO. **Construindo Pontes: Diálogos entre Ciências Humanas e Sociais-Volume 2**, 2024.

DE SOUZA, Indiara Rodrigues; DOS SANTOS, Maria Evany Rodrigues; DE ALMEIDA, Ilda Neta Silva. Mal-estar docente: a saúde do professor e seus desafios nos dias atuais. **Humanidades & Inovação**, v. 3, n. 2, 2016.

DIARIO-VIDA ESCOLAR. **Google Play**, 2022. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.consultoriahl.vidaescolardiario>> acesso em: 02/06/2024.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Melhor de Peter Drucker**: a administração, O Exame. NBL Editora, 2001.

FARIA, Graciela Sanjutá Soares; RACHID, Alessandra. Jornada de trabalho dos professores da rede pública de ensino. **Revista da FAE**, v. 18, n. 2, p. 162-177, 2015.

FERREIRA, Amauri Carlos; DE QUEIROZ PASCHOALINO, Jussara Bueno. Proletarização, intensificação e controle do trabalho docente, na atualidade: seus impactos sobre os corpos dos professores. **Revista Cocar**, v. 13, n. 27, p. 619-636, 2019.

FLORES, Maria Assunção. Tendências e tensões no trabalho docente: reflexões a partir da voz dos professores. **Perspectiva**, v. 29, n. 1, p. 161-191, 2011.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 35, p. 229-248, 2010.

FREITAS, Victor Gonçalves; DA SILVA, Reginaldo Henrique Banharo; CARDOSO, Luiz Carlos. Uso de tecnologia digital para situações didáticas colaborativas em sala de aula. **Educação Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, n. 34, p. 58–78, 2020. DOI: 10.36556/eol.v15i34.638. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/638>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 189-199, 2005.

GAULEJAC, Vincente De. **Gestão Como Doença Social**: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação Social. 3º Edição. Editora Ideias e Letras, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.

GONZÁLEZ, Jiménez Aitor.; LLANO, Rendueles César. Capitalismo digital: fragilidade social, exploração e solucionismo tecnológico. **Tecnocultura. Revista de Cultura Digital e Movimentos Sociais**, v. 17, não. 2 P. 95–101, 9 de setembro de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/tekn.70378>. Acesso em: 8 fev. 2024.

PERNAMBUCO. **Lei nº 11.329, de 16 de janeiro de 1996.** Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público de Pré-Escolar, Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de Pernambuco. Legislação do estado de Pernambuco. Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tipo=norma=1&numero=11329&complemento=0&ano=1996&tipo=&url=>> Acesso em: 30 de novembro de 2022

PICADO, Luís. Ser professor: Do mal-estar para o bem-estar docente. <http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 11-01-2024, v. 20, n. 08, p. 2011, 2009.

POCHMANN, Marcio. Trabalho e novas formas de luta na era digital. **Outras Palavras**, publicado em: 08 ago. 2022, disponível <<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/trabalho-e-novas-formas-de-luta-na-era-digital/>>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**, v. 18, p. 278-300, 2020.

PREVITALI, Fabiane Santana; FAGIANI, Cílon César. Organização e controle do trabalho no capitalismo contemporâneo: a relevância de Braverman. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, n. 4, p. 756-769, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

REIS, Mira Caroline Milen Viégas; SILVA, Thalia de Nazaré Trindade da; SILVA, Bárbara Chagas da. Ensino remoto: importância e benefícios da capacitação docente. **Anais VII CONEDU-Edição Online-Campina Grande: Realize Editora**, 2020.

SERAFINI, Mariana; **O apagão dos professores no Brasil.** Outras Mídias. 30 de jan. 2024, <Disponível: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-apagao-de-professores-no-brasil/>> Acesso em: 23/02/2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CULTURA, ESPORTE, TURISMO E LAZER. **Ofício nº 124/2024 de 02 de julho de 2024.** Jupi-PE, 2024.

SILVA, Ana Karolynne Soares da. **Desafios e possibilidades vivenciados no ensino remoto durante a pandemia da covid-19: com a palavra professores de matemática do Ensino Fundamental do município de Panelas-PE.** Trabalho de Conclusão de Curso. 2022.

SILVA, Cleyton Martins et al. A pandemia de COVID-19: vivendo no Antropoceno. **Revista Virtual de Química**, v. 12, n. 4, p. 1001-1016, 2020.

SILVA, Edna Lucia; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **UFSC, Florianópolis, 4a. edição**, v. 123, n. 4, p. 138, 2005.

SILVA, Jose Adailton Barroso et al. Uma breve história sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 2, n. 3, p. 125-137, 2015.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 249-259, 2005.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1105-1121, 2011.

SOUZA, Júlia Braga Rodolfo; BRASIL, Marina Augusta de Jesus Silva; NAKADAKI, Vitória Evelin Pignatari. Desvalorização docente no contexto brasileiro: entre políticas e dilemas sociais. **Ensaio Pedagógicos**, v. 1, n. 2, p. 59-65, 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/40>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SOUZA, Miriam Karine et al. Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE): fatores que interferem na adesão. ABCD. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)**, v. 26, p. 200-205, 2013.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Penso Editora, 2016.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 4º ed. São Paulo: Atlas S.A, p.95 2003.

VIEIRA, Jarbas Santos; HYPÓLITO, Álvaro Moreira; DUARTE, Bárbara Gonçalves Vaz. Dispositivos de regulação conservadora, currículo e trabalho docente. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 221-237, 2009.

WOOD JR, Thomaz. Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de administração de Empresas**, v. 32, p. 6-18, 1992.

ZANON, Breilla. Depois do pós-fordismo: as últimas décadas da razão material do trabalho. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE



Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Gestão
Curso de Administração



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você foi convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa “ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19: análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE” referente ao projeto de conclusão de curso da graduação em administração pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana Rita Cordeiro (e-mail: mariana.rita@ufpe.br telefone: (87) 99817-6332) e orientada pela Profª. Drª. Myrna Suely Silva Lorêto.

Para formalizar a sua entrevista, esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi redigido e contempla as principais informações a respeito da pesquisa.

1. **Objetivo do Estudo:** O presente estudo tem como objetivo geral: analisar como os professores da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao uso de novas tecnologias após a pandemia de Covid-19.
2. **Procedimentos:** Para a realização deste estudo, será solicitada a sua participação, voluntária e gratuita, em uma entrevista semiestruturada, gravada, com perguntas baseadas nos objetivos do estudo, no formato presencial e individual.
3. **Benefícios:** Não são esperados benefícios diretos para você participante deste estudo. No entanto, a sua participação contribuirá para uma melhor compreensão da adaptação dos professores da rede municipal de Jupi ao uso de novas tecnologias após o período pandêmico citado acima.
4. **Riscos e Desconfortos:** Os riscos e incômodos associados à sua participação nesta pesquisa consistem na possibilidade de desconforto emocional, constrangimento ou cansaço ao discutir certos temas ou ao dedicar tempo para participar das entrevistas.
5. **Confidencialidade e Anonimato:** Todas as informações fornecidas por você serão tratadas de forma confidencial. Seu nome não será divulgado em nenhuma publicação ou resultado do estudo. Todas as informações coletadas serão usadas apenas para fins acadêmicos e serão armazenadas de forma segura.
6. **Direito à Recusa e Retirada:** Sua participação neste estudo é voluntária, podendo se recusar a participar sem qualquer penalidade ou desvantagem. Além disso, o seu consentimento pode ser retirado a qualquer momento, sem necessidade de explicar os motivos, até 01 /10 /2024.
7. **Contato e Informações Adicionais:** Se você tiver perguntas sobre o estudo ou seus direitos como participante, entre em contato com a pesquisadora cujos dados se encontram no início deste documento.

8. Consentimento:

Por favor, assine e date este documento apenas se você compreendeu completamente as informações fornecidas e concorda em participar deste estudo conforme descrito acima.

Eu, _____, portador(a) do CPF nº _____, residente na _____, declaro que li e compreendi todas as informações fornecidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sobre a pesquisa “ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19: análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE”, conduzida por Mariana Rita Cordeiro, graduanda do curso de Administração, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Myrna Suely Silva Lorêto, na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Dou meu consentimento voluntário para participar deste estudo e concordo em cumprir todos os procedimentos descritos.

Jupi, ____ de setembro 2024.

Assinatura: _____



APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Gestão
Curso de Administração



ADAPTAÇÃO AO ENSINO VIRTUAL NO PÓS PANDEMIA DE COVID-19: análise com professores de uma escola da rede municipal de Jupi-PE

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

O presente estudo tem como objetivo analisar como os professores da rede municipal de ensino de Jupi-PE se adaptaram ao ensino virtual após a pandemia de Covid-19, sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana Rita Cordeiro, graduanda do curso de Administração, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Myrna Suely Silva Lorêto, na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.

Abaixo está o roteiro da entrevista, com perguntas baseadas nos objetivos da pesquisa e divididas em cinco blocos contendo vinte e seis (26) perguntas.

Bloco I-Perfil

- 1.Qual a idade?
- 2.Qual o seu gênero?
- 3.Qual é a sua área de formação?
- 4.Qual é a área que você ministra aula?
- 5.Há quanto tempo você leciona? E há quanto tempo em Jupi?
6. Você é professor efetivo ou contratado do município?

Bloco II-Rotina

7. Gostaria de entender um pouco de como era a sua rotina de trabalho antes da pandemia de covid-19?
8. Fale um pouco sobre como era a sua rotina e horários durante a pandemia de covid-19.
- 9.Após as medidas de isolamentos serem reduzidas e as aulas voltarem a ser presenciais, poderia descrever como se tornou a rotina em sala de aula?

10. Sobre sua rotina de trabalho, você percebeu algum impacto na sua saúde física ou emocional durante e após a pandemia de covid-19 ?

Bloco III-Interações e novas metodologias

11.Você, como professor, foi preparado para mesclar a metodologia tradicional com o uso de novas tecnologias em sala de aula?

12.Você enfrentou desafios ao usar ferramentas tecnológicas em sala de aula? Quais?

13.Quais ferramentas ou plataformas tecnológicas você utiliza regularmente em seu trabalho como professor(a)?

14.Você participa de grupos de whatsapp com alunos, pais, colegas de trabalho e coordenação pedagógica? Como você se sente em participar desses grupos, e como é a sua interação nesses ambientes no exercício da profissão?

15.Durante e após a pandemia você sentiu que as suas redes sociais deixaram de ser um ambiente de interação e se tornou uma extensão do trabalho?

16. Você recebeu treinamento para usar a plataforma Vida Escolar? Como foi o treinamento?

17.Qual é a sua percepção sobre o Vida Escolar(aplicativo)? Quais são os pontos positivos e negativos de acordo com a sua percepção?

18.Você considera que baseado no período de antes da pandemia e após houve mudanças significativas na metodologia de ensino?

19.Existe algum aspecto positivo ou negativos que você identifica com essa adaptação tecnológica?

Bloco IV-Gestão escolar

20.Você percebe que após a pandemia de covid-19, a coordenação e gestão escolar têm sido mais presentes na rotina dos professores com o intuito de melhorar os resultados dos alunos da rede de ensino?

21.Ainda sobre a atuação da coordenação e gestão escolar em busca de resultados, você se sente pressionado(a) a entregar sempre bons resultados?

22. Qual a sua visão de como a gestão usa estratégias para promover e implantar novas metodologias, sejam elas voltadas para tecnologia ou não?

Bloco V-Profissão e desafios

23.Como é conciliar as horas em sala de aula e o horário do preparo de aulas e correção de atividades?

24.Dentro do seu horário estabelecido de trabalho, surge momento que você tem que ultrapassar esse tempo para dedicar a profissão?

25. Atualmente, quais os principais desafios que você menciona na sua profissão de professor?

26. Em algum momento já pensou em mudar de área de atuação/profissão?

Agradeço a sua participação!

ⁱ Letramento digital: abordagem abrangente que vai além do mero domínio técnico das ferramentas digitais. Ele representa a capacidade de compreender, analisar criticamente, comunicar-se efetivamente e aplicar habilidades digitais em diversos contextos.